SUMMARIO.

—

CONHECIMENTOS-UTEIS: Economia-politica (*Continuação*). — Inhalação do ether — Modo de tirar o ranço á manteiga-de-porco e de vacca — Horto-botanico — Dor sciatica — Instrucção-publica (*Conclusão*). — Loterias. PARTE-LITTERARIA: Donde deriva a lingua portugueza? — Logares selectos dos Classicos (Bibliographia-nacional) — Historia-Universal de Cesar Cantu (Bibliographia-extrangeira) — Ardinia. Romance-historico (*Conclusão*. Poesia) VARIEDADES Artes e sciencias na China — Correio-extrangeiro — Correio-Nacional.

CONHECIMENTOS UTEIS.

—

ECONOMIA POLITICA. *

XIV.

1000 — 277. Ja se disse que n'estes artigos não era possivel dar a nomenclatura de todos os tributos, nem tractar do modo do seu lançamento. Tudo isto acharia technicamente logar n'um tractado especial de finanças; eu occupo-me so de generalidades, e assim mesmo quem sabe se ja a alguem infastiarão estes artigos, que a maior parte não le decerto; mas que faz mal.

Ha opiniões de que os tributos se devem fazer recahir sôbre as propriedades territoriaes, porque, segundo éstas opiniões, a terra é a unica coisa que fornece valor novo e excedente aos gastos da producção—um producto líquido em fim. Mas, pelo que ja temos visto, resulta, que outras conclusões se devem tirar do conhecimento exacto do instrumento *terra*. O rendimento do proprietario é o que parece mais proprio de tudo a ser tributado. Ha economistas porém, que julgam que o consummidor é sempre quem paga as contribuições ou direitos, porque o productor as conta como despeza de producção. O que é certo é que não ha especie nenhuma de contribuição que não recaia sôbre muitas classes de cidadãos. O que sería conveniente é que as bases dos tributos fossem muito multiplicadas, para que estes podessem abranger a todos os productores.

278 Ha dois modos geraes de lançar tributos; pelo systema directo e pelo systema indirecto.

279 Os tributos directos, são pedidos directamente ao contribuinte n'uma parte dos seus rendimentos, em proporção de certas indicações conhecidas, como as suas quintas, casas, trem etc.

280 Os tributos indirectos são cobrados indirectamente do contribuinte, tributando as fazendas e generos que elle compra para seu consummo particular, ou que faz transportar do extrangeiro para o seu paiz (systema d'alfandegas) ou de fóra da terra para dentro da cidade (sette-casas). 1

281 A mais usada das contribuições directas, é o imposto sôbre terras e immoveis. Este tributo é difficil de estabelecer, porque o valor da terra, ou qualquer outro immovel, é essencialmente variavel e fugitivo, assim como o valor da moeda que serve para os avaliar. D'aqui se segue que a despeza que muitos paizes fazem com o seu cadastro, é quasi inutil.

282 Todos os tributos teem inconvenientes. Dizem que os impostos indirectos são vantajosos porque os contribuintes os pagam com os preços dos generos, sem darem pelo sacrificio. Este sacrificio porém existe, e cedo ou tarde, os contribuintes o sentem porque o imposto augmenta, os gastos da producção limitam o consummo, e por fim trazem comsigo a privação.

283 O imposto indirecto é sempre mal repartido, e demanda grandes despezas de cobrança. De modo que ha tributos que gravando o povo nem por isso são proveitosos ao thesoiro, porque quasi todo o seu producto se gasta na fiscalisação d'elles.

284 Em geral, as questões de tributos prendem com as insurreições, e são-lhes quasi sempre causa ou pretexto. Os governos devem ter toda a cautella n'este ponto melindroso.

285 Os economistas teem propugnado pelo derramamento de uma contribuição unica, cujas vantagens são ja hoje axioma. Uma contribuição assim evitaria muitas discussões, muitos actos arbitrarios, muitas dilapidações e despezas. Comtudo, ainda falta achar os meios de estabelecer ésta contribuição, de modo que esteja em relação com os rendimentos de cada particular, evitando da parte do governo uma inquisição odiosa e inefficaz, e obtendo do contribuinte uma declaração franca e leal. Um derramamento normal de tributos, não poderá ser effectuado senão quando os interesses não poderem mais negar a legitimidade das analyses economicas, que indicarem sôbre que pontos deve recahir o tributo, e quando os dados estatisticos houverem chegado a uma perfeição, que apenas lhes podêmos suppor. Estamos pois longe de podêr alcançar este *desideratum*. Presentemente, os mais habeis financeiros, na falta de melhor, teem por preferiveis as contribuições que teem muito tempo de estabelecidas, e que os contribuintes estão ja no habito de pagar: tambem preferem os impostos indirectos, que os mesmos contribuintes pagam, sem sentir, como ja se disse acima.

286 Ésta materia de tributos, e as muitas questões que prendem com ésta parte do consummo das riquezas, ainda não estão profundamente estudadas como carecem. Pode-se porém assentar n'estas bases:

1.° O imposto não deve nunca ser contrário á moral pública.

2.ª Deve ser cobrado nas occasiões em que o contribuinte está mais em estado de o podêr pagar.

3.ª Não se devem lançar novos tributos, nem pedir imprestado, senão depois de esgotados todos os recursos que possam ser tirados da boa-ordem e da economia.

287 Os Estados em geral gastam todas as contribuições que lançam; e quando ha motivos que obrigam a despezas extraordinarias, os governos são obrigados a recorrer a recursos extraordinarios tambem. Antigamente, como o fazem ainda hoje os despotas

* Continuado de pag. 368.

1 O orçamento comprehende debaixo da denominação de impostos indirectos, os direitos de todas as alfandegas do reino e ilhas, e os rendimentos da casa-da-moeda, correio, contracto-do-tabaco, tributo sôbre o sal, carnes, pescado, real d'agua, terreiro publico etc e de impostos directos, as decimas, direitos de mercê, mulctas judiciaes, sizas, papel-sellado, subsidio-litterario, etc. etc.

do Oriente ou da Africa, os chefes das nações ajunctavam um thesoiro em tempo de paz. Hoje os governos civilizados estão mais seguros de achar nas contribuições annuaes dos povos os meios de provêr ás suas despezas ordinarias e regulares.

288 Quando as despezas publicas excedem as rendas do Estado, deve este augmentar éstas ou diminuir aquellas, ou vender uma porção dos seus dominios, ou pedir imprestado. Quasi sempre recorrem ao último d'estes meios lembrados.

289 O systema dos imprestimos tem tido mui grandes variações. O que hoje está em voga é o dos imprestimos por subscripção, praticado pelos inglezes ja pelos meiados do último seculo.

290 N'este systema os governos emittem titulos de certa renda annual fixa, que vem a ser o juro de certo capital que os mesmos titulos representam. Ordinariamente no nosso paiz a base do capital representado são 100$000 reis, e o juro cinco por cento. Mas o governo não recebe effectivamente esse capital representado, e do qual paga juros; apura apenas metade ou dois terços d'elle, quando muito. Os donos d'estes titulos, que são os subscriptores do imprestimo, ou os revendem entre si ou os revendem na praça, por differentes preços, segundo a confiança tem augmentado ou diminuido; e em quanto que o capital parece variar na apparencia, o que realmente varía são os interesses ou juros. Supponhamos um titulo de 100$000 réis, se este não custar mais de 50$000 réis, o seu verdadeiro interesse será de dez por cento.

291 O credito-público não é outra coisa senão a confiança que teem os credores do Estado de que este cumprirá as suas promessas. Em geral o credito-publico é tanto maior quanto maior é tambem a tranquillidadade pública.

292 O governo não é como um devedor ordinario. 1.° porque tem na sua mão fazer bancarota, quando lhe aprouver, ou pelo menos impor condições retroactivas; 2.° porque têm os contribuintes todos como fiadores. Os governos quando são poderosos, são os melhores devedores, quando são fracos não teem credito.

293 O credito-público é de uma utilidade incontestavel. Mas quem poderá ser juiz da necessidade ou conveniencia de usar d'este credito? So um governo illustrado, probo e verdadeiro representante dos contribuintes: porque o objecto é delicado e póde produzir terriveis inconvenientes: senão vejamos os desastres quotidianos que ao nosso paiz está produzindo a agiotagem...

294 O imprestimo, em última analyse, é uma variedade particular de tributos.

295 Mas este modo de lançar tributos tem um grande inconveniente apar de uma grande vantagem. A vantagem consiste em que uma nação póde levantar instantaneamente um grande capital, indo-o pedir so a quem o tem, isto é, aos riccos, que o podem dar logo. O inconveniente consiste em que, se o sacrificio dos contribuintes, dos cidadãos, não é instantaneo, é todavia infinitamente prolongado, e la vai recahir ainda nas gerações que não foram achadas nas despezas. Este grave inconveniente poderia modificar-se, se a somma que o governo pediu fosse applicada de um modo reproductivo. Ordinariamente porém acontece o contrario.

296 O Estado que vive de imprestimos consomme as suas rendas por antecipação; o contribuinte vem assim a saccar sôbre a sua propria contribuição para dar ao governo os meios de gastar desde logo uma contribuição futura: os juros e os outros dispendios de imprestimo, levantam no futuro as despezas da producção. Ora, como um preço alto equivale á diminuição de fundos productivos ou de rendas, segue-se que os imprestimos empobrecem d'antemão um paiz, em razão das despezas que o governo faz á custa dos contribuintes futuros, e pela carestia de todos os objectos de consummo.

297 Ainda mais, os imprestimos criam dividas cujos juros devem ser tirados de um capital equivalente, e que fica por assim dizer paralyzado para a producção social.

298 Se a via dos imprestimos é a mais facil, e algumas vezes mesmo a unica possivel, tambem é, como ja se disse, a mais delicada e a que a experiencia tem mostrado ser mais funesta. O senso-commum basta para conhecer-mos que o estado normal das finanças de um povo, tanto como as de uma casa de commercio, de uma familia, exige que as dividas não sejam contrahidas senão com a maior circumspecção, e que uma vez contrahidas sejam pagas por sacrificios immediatos e economias. Cuidar que as nações teem meios de pagar differentes dos que teem os particulares, é acreditar no motu-contínuo, é estar n'uma constante aberração.

INHALAÇÃO DO ETHER.

1001 No n.° 32 d'este jornal, tractando d'este importante objecto, queixei-me de nada saber do que a este respeito se passa em Portugal; e por essa occasião disse algumas verdades amargas, sôbre os orgulhosos ou deleixados que despresavam a imprensa para por meio d'ella se occuparem, com utilidade do paiz e da sciencia, de assumptos que alias conheciam e podiam e deviam illustrar. O Sr. Henrique José de Sousa Telles, digno e zeloso secretario da *Sociedade Pharmaceutica*, acudiu pela honra d'esta benemerita associação, e com uma carta cheia de polidez e de elogios immerecidos, mas que muito agradeço, me remetteu os dois últimos n.os (10 e 11, tomo IV) do jornal da *Sociedade Pharmaceutica*, nos quaes se tracta da inhalação do ether.

A *Sociedade Pharmaceutica*, é, incontestavelmente, uma das quasi singulares associações do seu genero, que no nosso paiz teem vida, e fazem alguma coisa. A *Sociedade Pharmaceutica* tem feito importantes serviços publicos, em satisfação de diversos convites de auctoridades e portarias do governo, tem um jornal muito interessante na sua especielidade, um monte-pio etc. emfim, é uma sociedade scientifica devidamente constituida e laboriosa.

Bem se ve pois que a illustre *Sociedade Phar-*

maceutica não podia nem devia, no estado em que acabo de a descrever, deixar de se occupar de um assumpto de tammanha transcendencia como o da inhalação do ether. No n.º 10 (tom. IV.) do seu jornal, publicou o Sr. Norberto um extenso artigo, traduzido do *Siècle*, a este respeito, e no n.º 11 começa o Sr. A. M. Barbosa uma conta da serie de experiencias feitas com o ether no Hospital de San'José, e Hospital da Marinha.

Era exactamente este o ponto que eu desejava ver tractado e público pela imprensa. Mas as minhas reflexões a este respeito, no citado n.º 32 da REVISTA, não estão prejudicadas ainda, e menos foram intempestivas: 1.º porque ao publicar-se aquelle número da REVISTA ainda não estava publicado o n.º 11 do jornal da *Sociedade Pharmaceutica*, que so muitos dias depois foi annuncado, e o artigo do n.º 10 é simplesmente uma traducção, circumstancia que o põe fóra das minhas reflexões assim expressadas:

«Eu não sei o que a este respeito se tem passado entre nós. Dizem me que o Sr. Dr. Bernardino tem feito algumas experiencias com o melhor resultado; mas ao certo nada sei. Este nosso paiz, é em tudo um paiz *sui generis*: ninguem sabe o que se faz nem como se faz; nem os que teem ou fazem as coisas o dizem senão ao seu circulo: a imprensa entre nós não se aproveita senão para vasar a bilis; quasi ninguem faz um communicado, ou discute uma materia de interesse geral ou scientifico: uns peccam por orgulhosos, outros por deleixados.»

2.º porque o Sr. Barbosa, elle mesmo, se refere a algumas notabilidades medicas, com quem se auctoriza, e a quem parece ter submettido as suas proprias experiencias, e as quaes notabilidades nada se dignaram ainda dizer-nos a este respeito, ao passo que vemos nos jornaes de medicina, e nos extractos das sessões das academias de medicina de França, Inglaterra, Italia e Allemanha, occuparem-se d'este assumpto, e discutirem-no minuciosamente, as mais altas capacidades medicas do tempo, de quem porventura aprendem os que lhes não seguem os exemplos, concorrendo d'este modo para que, tambem n'este ramo, Portugal pareça, ou seja effectivamente, um paiz morto, e a sua imprensa, nunca ou raramente, tracte de um ponto scientifico, competentemente discutido e analysado pelos nossos homens especiaes.

Como escriptor publico não posso deixar de extranhar d'estas incurias, como homem particular tenho a maior affeição a alguns d'aquelles a quem me possa ter referido, e a todos respeito.

Não concluirei ainda sem dar noticia de que em Inglaterra e França se acaba de descubrir o meio de etherizar as abelhas nos cortiços, com o fim de lhes extrahir o mel e a cera com toda a facilidade.

Darei por último um extracto do artigo do jornal da *Sociedade Pharmaceutica*, a que acabei de referir-me, para dar inteiro conhecimento ao leitor curioso, d'esta interessante materia da etherização. O extracto é como segue:

«Eu mesmo, primeiro, inhalei o ether sulfurico, sob a direcção, e na presença do Sr. Dr. *Barral*, pelo apparelho de *Walters* & comp. de Londres, com os effeitos seguintes:

«Poucos momentos depois das primeiras inspirações do ether, senti um adormecimento por toda a superficie cutanea, não analogo ao sobreveniente á compressão d'um nervo, mas satisfatorio e aprasivel; successiva, e quasi simultaneamente, sobreveio-me um relaxamento, e debilidade muscular, cada vez mais notavel, e alguma perturbação de cabeça. A vontade parecia não poder exercer o seu dominio, e a gravidade então, pouco contrariada por ella, parecia pôr em vigor as suas leis; as palpebras, obedeceram-lhe, e cahindo serraram-me os olhos, que a custo podia entreabrir; a cabeça cahiu um pouco para o lado, onde me encostava; os braços, que algumas vezes a custo pertendi elevar, cahiam immediatamente, cedendo ao seu poder, e depois mesmo quiz, mas não pude, movel-os — um bem-estar, um descanço indifinivel, me aniquilava as forças.

«A visão a principio nada perturbada, foi-o posteriormente a ponto de quando conseguia desserrar as palpebras, vêr confusa, e obscuramente os objectos, que me rodeavam. A audição foi conservada quasi imperturbavel, pois ouvia fazer-me perguntas, a que a minha prostração impedia responder: ouvi pedir cera, enunciar o meu estado; notei porém menos distinctos os sons perto dos ultimos instantes, e por fim nada absolutamente ouvia, porque perdi toda a consciencia, e toda a relação exterior. A sensibilidade tactil, e geral, foi o sentimento que o ether mais esforçadamente embotou; beliscões fortes nas orelhas, gotas de cera fundida, entornadas sobre a face dorsal da minha mão esquerda, não me fizeram perceber a menor sensação incommoda. As faculdades intellectuaes quasi nada foram perturbadas, excepto nos ultimos momentos, em que se suspenderam. Meu pulso desceu de pouco mais de 60 a 50 e tantas pulsações; e a respiração, intimamente ligada á funcção circulatoria, percorreu, pouco mais ou menos, as mesmas variantes.

«Eram passados 6′ de inhalação, quando me tiraram o apparelho; poucos momentos depois despertaram-me, e, pensando que acabava de dormir em minha casa, acordei admirado pela presença do lugar, e das pessoas com quem me achava.

«Abatimento de forças, e fraqueza muscular me acompanharam por 2 horas, pouco mais ou menos. Depois passei perfeitamente bem. Eis aqui os phenomenos objectivos e subjectivos, que em mim se manifestaram pela inhalação do ether.»

MODO DE TIRAR O RANÇO DA MANTEIGA-DE-PORCO E DE VACCA.

1002 Lave-se a manteiga em agua, quanto baste, misturada com chloreto-de-cal, na razão de 25 a 30 gôtas por kilogrammo d'agua.

Deixe-se ficar a manteiga n'esta agua por espaço de uma hora, e torne a lavar-se depois em agua pura.

Este methodo facilimo assevera-se que é infallivel.

HORTO BOTANICO DA ESCHOLA MEDICO-CIRURGICA DE LISBOA.

1003 Aos esforços, zelo, e boa vontade de todos os professores d'esta eschola, se deve o arranjo e successivo engrandecimento do seu jardim botanico, que é hoje talvez o melhor da capital, e dentro de poucos annos conterá uma collecção, a mais completa, das plantas indigenas de Portugal, e suas provincias ultramarinas. Mas é justo que se publiquem os nomes d'aquellas pessoas, que por devoção á sciencia, e amor do paiz, contribuem poderosamente para o melhoramento deste estabelecimento com seus repetidos, e abundantes donativos de plantas notaveis, ou por suas virtudes medicas, ou pela sua raridade, e até pela sua belleza, pois que o jardim botanico da eschola de Lisboa, não é só um horto para um medico, é uma ricca collecção de perto de duas mil especies, algumas das quaes são bastantemente raras.

Á bondade, e liberalidade dos Srs. Marquez do Faial, Conde do Farrobo, e do Physico-Mór de Gôa o Sr. Doutor Torres ja elle devia bastante; mas ultimamente o Sr. Isidoro Emilio Baptista, acaba de o enriquecer com um avultado numero de especies vegetaes proprias do Estado da India, que merece ser conhecida, porque muitos d'esses individuos são de um uso frequente na Asia, e o pódem igualmente vir a ser entre nós; assim como ja o são as pátolas (cucurbitacea) especie de abobora muito saborosa, e os gonçalins, que ja produziram este anno de sementes que vieram o anno passado de Gôa, por intervenção do Sr. Doutor Torres.

A lista das especies dadas pelo Sr. Baptista é a que se segue, com os seus nomes vulgares, pois que os scientificos só se lhes poderão dar em tempo opportuno depois da florescencia, e fructificação:

Sementes de Pateca.
——— d'Anona.
——— de Rintfes, ou sabão vegetal.
——— de Tendulins — optima hortaliça.
Bagulhos de fructa d'Adão.
Castanhas de Jacás.
——— de Matomba.
Semente de Popaya — Arvore — mas tem o tronco tão esponjoso, que nem para o lume serve.
——— de Taflam — Arvore — cuja casca do fructo é aromatica, e servem-se d'ella para o *caril*.
Gungins — é trepadeira do matto.
Denthó, ou brido branco — hortaliça.
Pepinos de sette folhas.
Feijão chicote.
Bendó, ou uiahos — muito mucilaginoso, serve para a panella.
Bredo vermelho.
Caratins — Trepadeira — algum tanto venenosa.
Rabanos.
Abobora branca.
——— vermelha.
Pepinos de matto.
Moguera, ou melão do matto.
Pimentão grande.
——— pequeno.
Nachimia — Legume — a semente é a principio verde, depois encarnada, e rouxa. Reduzida a pó serve para amendoadas, bolos, papas.
Toranja — Arvore.
Comalinga — Fructa muito estomacal, serve tanto para a cosinha, como para a conservaria.
Pateca, ou melancia d'agua.
Culita — Legume proprio para a ração dos gados.
Chunolés — Legume com o mesmo uso.
Feijão
Gungis grandes — vagens muito grandes, sem utilidade conhecida.

* * * * *

DOR SCIATICA.

1004 Em razão do final d'esta correspondencia, sôbre o qual invoco toda a attenção, não ponho dúvida em publical-a:

Sr. Redactor. — Na Revista apparec eu publicada ha tempo, a receita de uma cataplasma, cuja base era a planta, chamada vulgarmente — Urgebão, ou Verbena officinalis, muito aconselhada no tractamento das obstrucções de figado e baço, e nas hydropezias, effeito d'estas. Não foi sem utilidade que aquella receita alli appareceu, porque, não so alguns facultativos territoriaes a começaram a ensaiar, vista a sua inocuidade, mas o que é mais, até o habil e eruditissimo lente de clinica medica da eschóla medico-cirurgica de Lisboa, o Sr. Dr. Lima Leitão, a ensaiou, no hospital real de San'José, e falla d'essa applicação com proveito nos seus registros medicos, dando-lhe, assim, um cunho e importancia que até agora não tinha, pois que esse remedio não sahia da extensa lista dos remedios caseiros, que so as pessoas leigas e profanas na sciencia aconselhavam.

Á vista de um tal resultado d'aquella publicação, chegou-me a tentação de indicar um outro remedio, cujo ensaio não será tam prompto e facil por não ser tam innocente, mas que, especialmente nos concelhos de Leiria e d'Ourem é muito empregado na especie de rheumatismo conhecido por o nome de dôr sciatica. — Consiste este remedio na cauterização (por meio do cauterio actual) do caracol do ouvido do lado correspondente áquella dôr. A cauterização póde ser feita com um pedaço de ferro redondo, mas ordinariamente usa fazer-se com um que tem a fórma de um scopro; as desorgonisações, ou destruição de tecidos que ella causa, é seguida de longas supurações após as quaes vem, segundo dizem os apologistas do remedio, o completo desapparecimento da sciatica. O remedio é barbaro, e pelo que parece, pouco racional, assim mesmo tem sido e está sendo empregado por muita gente, e alguns casos se citam de bom resultado verdadeiro, ou apparente. Ouso chamar a attenção dos facultativos sôbre um remedio, que, por

ora, é do dominio do charlatanismo, ou quando muito do empirismo.

Villa-Nova d'Ourem
11 de agosto de 1847 *N. J.*

INSTRUCÇÃO PUBLICA. *

1005 Este trabalho, que aqui concluo hoje, tem sido feito aos pedaços, e tem todos os defeitos dos trabalhos que assim são feitos. Accresce, que entre partes d'elle houve intervallo de uns poucos de annos. Mas os seus fins são tam importantes para Portugal, que mais quero expor-me a repetir, porventura, aquillo que já estará ditto, do que a ommittir alguma observação que possa servir de proveito.

Eu indiquei a idade de 3 annos para o começo da educação primaria, postoque o projecto de lei de 25 de janeiro de 1846, art. 15, indique a idade de 5 annos completos, para se ser admittido nas escholas; o que faria uma diminuição de 75.686 individuos de 4 annos na minha computação. Se fossem trabalhos violentos, ou a applicação dos meninos fosse extremamente assidua, por certo se devia opinar por esse retardamento; mas devendo o ensino ser proporcionado aos annos, parece antes um beneficio para os paes e para os filhos, que principiem mais cedo, pois que tambem acabam e ficam habeis mais cedo para começarem a tractar da sua sustentação. Eu não creio que a instrucção primaria se principie hoje tam tarde como 5 annos, em parte alguma.

Seja como fôr, n'essa differença não deve consistir mais uma difficuldade, além das muitas outras que ja temos a superar, para a organização da instrucção publica. Ellas estão no modo de a prover com a competente e pontual dotação; nos mestres peritos; na frequentação das aulas pelos educandos; na composição dos compendios adequados, e na comminação aos paes que não houverem de mandar educar os seus filhos. Parece-me que é sobre estes pontos que se devem concentrar todas as nossas cogitações, para resolvermos com mais feliz ensejo o problema que nos é tam importante.

O plano dos estudos, assim como o local das escholas, é submettido pelas junctas á approvação do governo, antes de ser posto em execução, e depois é superintendido por auctoridade regia, que será o respectivo governador-civil da residencia da eschola.

A frequentação dos meninos é dependente dos paes; por isso tractando-se d'estes tracta-se de ambos. Os compendios formam-se nas escholas normaes, e falhando ahi premios aos auctores dados em concurso, é o meio mais obvio.

Resta tractar da obrigação dos paes. O cerceamento dos direitos politicos, e um aggravo nas contribuições directas, por não mandarem dar educação aos filhos, além das perdas das regalias que a estes seria imposta por causa d'essa falta, deve ser quanto baste para gradualmente ir generalisando a sua propagação. Estas são as idéas, que mais ou menos devem prevalecer nas medidas legislativas sobre este proposito.

C. A. da Costa.

(*) Concluido de pag. 389.

LOTERIAS.

1006 A base de todas as sciencias é o senso-commum, isto tanto para finanças como para qualquer outra coisa. Por isso, ninguem se persuada que é algum phenomeno do outro mundo, quando, applicando-se como deve ser, os sentidos a qualquer operação em fazenda, n'ella se descobre a inconveniencia que ha em a levar a effeito com o intento de minorar as desgraças dos particulares, ou de melhorar os recursos do thesoiro publico.

Todas as presumpções são que ninguem se importa com as consequencias do modo de levantar fundos para as despezas ou necessidades da administração-publica, por via de loterias. Ja se sabe que aqui não se tracta da immoralidade d'ellas, tractase de cifras unicamente, que é outro ingano cuidar que n'ellas não ha a maior de todas as lições a favor da moralidade.

Não sei eu ha quantos annos ha ja, porque não vale a pena ir buscar a data, que o governo inglez aboliu as loterias pelos crimes que ellas provocavam. Outro tanto fez o governo francez, posto que menos escrupuloso. Nós porém sem reflexão, fundamos a dotação de uns poucos de estabelecimentos pios, sobre a depravação de toda a sociedade. Talvez não sejam menos de um em 20 de toda a população, os gatunos que andam na cidade de Lisboa, na traficancia das cautellas das loterias da Misericordia. E como se isto não bastasse, foi-se agora lançar sobre o reino uma loteria nacional de 2,400 contos, rede esta por cujas malhas não hade escapar ninguem. Esta providencia é mui irman de todas as outras que por ahi grassam. O curso da moeda extrangeira para supprir a nacional, o Banco de Portugal para supprir o credito, etc. etc., alvitres estes tam ferteis em considerações, que exige cada um delles um argumento em separado, o qual eu provavelmente lhes dedicarei, posto que ja prevejo a sua inutilidade, porque nós fazemos vangloria de persistir sempre n'aquillo que não devemos.

Se alguem se importasse, se um ministro d'Estado portuguez se importasse, se qualquer deputado ás Cortes, nas suas idas por essas ruas, reflectisse um instante, quando tanto truão lhe mettesse á cara os massos de cautellas que leva a vender, até de 10 réis, nos sinistros effeitos que tem este roubo sobre a economia dos infelizes proletarios, não era possivel que não tivesse já vociferado contra a hediondez de tammanha fraude.

Dando o acaso que tivesse á mão o semestre de 10 de abril a 9 de outubro de 1845 do Diario-do-Governo, separei d'elles todos os n.os onde vinham planos de loteria, e achei 19, importando 432 contos, a saber:

10 a 21:600$ rs.	Rs.	216:000$000
9 « 24:000$ rs.	«	216:000$000

Se estes se dobrarem teremos para um anno inteiro:

38 loterias importando	Rs.	864:000$000

É o desconto que se faz n'estes, a 12 por cento	Rs.	103:680$000
E mais 5 por cento sôbre os premios		38:016$000

Premios dos cautelleiros a 10 por cento, sôbre 864:000$000 rs. . .	86:400$000
Somma	228:096$000

As loterias que se extrahem, sendo 38 em 365 dias, vem a ser estes 228:096$000 rs. subtrahidos das algibeiras dos neseios e dos credulos, por parcellas de 6:002$526 réis, cada 9 dias. Concedido que nos 228:096$000 rs. que se tiram ao povo de Lisboa, este não ganhasse com elles, na sua industria, em um anno, mais de 12 por cento, como elles lhe são tirados por partes com tanta frequencia, vem o povo a soffrer mais os lucros cessantes, n'essas partes, conforme ellas lhe vão sendo tiradas. Os 228:096$000 rs. a 12 por cento davam no fim do anno 27:371$520 rs. mas logo nos primeiros 9 dias, perde 6:002$526 rs, e não póde ganhar nada sobre estes; aos 18 dias perde outros 6:002$526 rs., tambem sôbre estes cessam os ganhos, e assim por diante até ao fim do anno. Resumindo a operação segundo as taboas arithmeticas, se o ganho dos juros havia de ser como supra, de . . . . . Rs. 27:371$520
Vem a ser somente de . . . . . 19:834$000

Por conseguinte ha mais a perda de	7:536$000
A aggregar aos	228:096$000
Somma total . . . . . Rs.	235:632$000

Este é o prejuizo total em um anno, que o povo de Lisboa soffre com a feliz e mui feliz idea das loterias; idea inventada á falta de nenhuma outra, e de todos os expedientes que podessem ser lembrados para costear estabelecimentos de piedade, que talvez estejam fazendo tantas victimas annualmente com o jogo que promovem, quantos são os infelizes que são alimentados á custa de tam nefaria trampolinice.

O prejuizo em um anno é como disse, de 235:632$ rs. mas se se compozer ésta annuidade ao juro sempre dos 12 por cento, teremos em 3 annos e 9 mezes o importe total dos 864 contos, premios e tudo o mais, transferido das mãos do povo para a Misericordia, governo, e cautelleiros.

Aqui está mais uma amostra do como vai a administração publica em Portugal. Ninguem reparou ainda para mais ésta famosa dilapidação: não só não reparou, mas até ella se suppõe inteiramente innocente. Se assim não fosse era impossivel que se propuzesse como uma grande medida do Estado uma loteria para sugar essas notas do Banco que por ahi andam, e acabar com os restos que ainda podiam haver de industria em Portugal. Está por analysar o alcance d'essa medida cujos effeitos convirá explicar.

(Continúa.) *C. A. da Costa.*

PARTE LITTERARIA.

D'ONDE DERIVA A LINGUA PORTUGUEZA?

1007 A lingua portugueza deriva-se da latina: esta opinião é geralmente seguida pela maior parte dos nossos philologos, e adduzem em prova della o grande número de palavras ou inteiramente latinas, ou similhantes a estas de que se compõe em grande parte a sua prosodia.

Mas se alguem quizer demonstrar esta proposição por meio da analyse, estamos certos de que ha-de encontrar duvidas e difficuldades, de que muito lhe ha-de custar a desembrulhar-se.

Em primeiro lugar, como o genio de uma lingua consiste especialmente na sua syntaxe, dificil será provar que uma lingua analoga possa considerar-se dialecto de uma lingua transpositiva: o dialecto de uma lingua forma-se dessa mesma lingua alterado com palavras novas, ou porque a ignorancia do povo as viciou ou pela invazão de palavras e phrazes de uma lingua extranha; mas é muito raro que neste abastardamento ella não conserve vizos do seu caracter primitivo.

Mas será verdade que a lingua latina se tivesse tornado a lingua popular da peninsula? confessamos que muito duvidamos disso. Consta-nos pela historia que os romanos nunca possuiram pacificamente a peninsula iberica. Os seus povos não cessaram de lhes fazer a guerra pugnando pela sua liberdade; Viriato o primeiro, e o segundo, Sisenão, Apimano, Sertorio, e outros os commandaram nesta empresa gloriosa, e esta guerra se fazia com a ferocidade dos tigres, e dos leões: e como é possivel que o povo hispanhol adoptasse e fizesse sua a lingua dos seus invazores, dos homens que considerava como seus tyrannos, e a quem fazia uma guerra de exterminio? era mais provavel que elle pelo contrario detestasse o seu edioma, as suas leis, e os seus costumes? Será crivel que um povo barbaro adoptasse, e fizesse sua a lingua de uma nação civilisada, e uma lingua que tinha uma grammatica tão artificiosa e complexa? Não nos mostra a experiencia o contrario disto? porventura os christãos muzarabes, que viviam no meio dos arabes, se deslembraram do hispanhol para fallarem o arabe? e os sarranos que ficaram em Granada vivendo entre os castelhanos, tendo muitos delles deixado a sua religião, depois de aniquilado o dominio dos muslisores, abandonaram a sua lingua? não foi a insensata prohibição do seu uso uma das principaes causas do seu levantamento geral, e da teimosa e cruenta guerra dos alpucharras? Os chinas muitas vezes subjugados pelos tartaros, trocaram porventura a sua lingua monosyllabica, uma das mais imperfeitas e pobres que se conhecem, pela dos seus vencedores, apezar de ser esta uma das mais bellas e riccas que até hoje se tem fallado? Ide a Constantinopla, lá achareis juntas duas nações, a turca e a grega: mas apezar de viverem juntas o turco ainda depois de seculos falla turco como os janizaros de Mahomet II, e o grego, se não falla o bello idioma de Homero e de Platão, ao menos falla um dialecto delle, que se a liberdade permanecer na Grecia, se alli medrar a civilisação, será ainda uma das mais bellas fallas do mundo moderno.

Ainda mais, não vemos nós que os italianos, que formam um corpo de nação, que não estão divididos por odios religiosos ou politicos, que nos actos publicos, nas academias nas negociações diplomaticas, nos pulpitos, nas escholas, na historia e na poesia, usam do toscano, a mais harmoniosa e mais elegante

de todas as linguas da Europa, conservam no tracto familiar e na vida privada os dialectos peculiares das provincias em que nasceram? não acontece o mesmo na França? o Delphinado, a Provença, a Bertanha, a Burgonha, a Picardia, a Normandia, conservam as suas linguas provinciaes, havendo ahi milhares de pessoas, que vivem e morrem sem saber fallar francez! e alguns que, especialmente os da Baixa-Bretanha a desprezam e abominam. É crivel que so na peninsula houvesse uma excepção a esta regra geral?

Inclinamo-nos pois muito a crêr que o latim na Hispanha so vogasse como lingua corrente nas cidades, que fossem municipios ou colonias romanas, e ainda isto sómente nos actos publicos, e entre as familias romanas, ou as de origem romana alli estabelecidas, ou entre os partidistas de Roma, que tambem havia de have los; mas não seria de certo fallado entre os habitantes indigenas. Sendo mais de notar que Cicero na sua oração *pro Archia* dá muito triste idéa do tal latim hispanhol, quando diz que um general romano era tão apaixonado de louvores, que até remuneravá os que lhe dirigiam alguns poetas hispanhoes, apezar da grossaria e *pinguedinem* (é expressão sua) do seu estylo.

Bem sabemos que a isto nos podem oppor que Quintiliano, os dous Senecas, e o poeta Lucano, eram hispanhoes, a isto responderemos que quanto a Quintiliano, nos parece impossivel que fosse hispanhol á vista daquelle trecho em que cita uma palavra, accrescentando que alguns diziam que era da lingua hispanhola, pois é claro, que não se referiria a auctoridade alheia, sôbre se esse vocabulo pertencia ou não á sua lingua materna, se o grande rhethorico fosse, como querem dizer, hispanhol: esta reflexão é do abbade Godoyer, elegante traductor das obras daquelle grande mestre de eloquencia

Quanto aos dous Senecas, se foram com effeito hispanhoes, é força que fossem na infancia transportados para Roma, que lá se creassem, e lá estudassem, adquirindo deste modo a boa latinidade dos seus escriptos: e isto que a respeito delles é conjectura provavel, é certeza evidente a respeito de Lucano, que nos consta que fora creado em casa de seus thios os Senecas; e por isso podem os tres considerar se romanos, se o não foram, e fica em pè o juizo de Cicero.

Não póde comtudo negar-se que as relações de tantos annos entre hispanhoes e romanos não fizesse que aquelles admitissem involuntariamente na sua lingua muitos vocabulos do Lacio, e que outros muitos se alterassem, e desfigurassem na sua barbara pronunciação. Mas se estes inxertos, ou inoculações vocaes, foram tantos que transformaram em dialecto a lingua hispanhola, desta é que deve julgar se derivada a nova falla, e não do latim que apenas forneceu os instrumentos de a corromper.

Mas aqui suscita-se uma duvida nova! qual era a lingua primitiva da peninsula? era uma so, ou cada povo tinha a sua? e sendo so uma seria esta a vasconça? Que a hispanha fôra uniloquente, e que a vascongada seja a lingua primitiva da peninsula, tem muitos votos a seu favor, e funda-se esta opinião em que os romanos nunca avassallaram os cantabros, que elles appelidavam *nunquam domabiles*, que a favor das suas asperas montanhas mantiveram a sua independencia, a sua liberdade e a sua lingua; sendo desta ultima tam amantes e tam ciosos, que nem todo o poder e despotismo de Philippe II, que conseguíra extinguir o arabe entre os mouriscos de Granada e da serra do Remba, foram poderosos para lhe fazerem abandonar. Mas esta opinião perde muito da sua força se fôr verdade o que affirma Lacroix em sua Geographia, isto é: que nas ruinas da antiga *Iberia* se encontra um grande numero de *livros escriptos em lingua desconhecida*: ora, não cabendo esta denominação ao vasconço, que se falla em toda a extensão dos Pirineos daquem e d'além, e nas suas faldas e valles, é claro que se tracta de outra lingua do paiz, que com a vascongada ja faz duas; e se a vascongada, como alguns affirmam é um dialecto celtico, peior está a questão, porque então de duas cousas uma, ou a Hispanha estava deserta antes da entrada dos celtas, ou se estava povoada fica provado que os seus habitantes haviam de ter ja uma, ou mais linguas, porque sem este meio communicativo não póde haver nação nem sociedade humana.

O que temos ditto da peninsula Iberica em geral, tem applicação ao que respeita peculiarmente a nós. Houve antigamente uma lingua que todos os lusitanos fallavam e usavam? ou os vetões, os turdulos antigos e modernos, os varscos, os sascos, tinham cada um sua lingua particular? E neste caso eram ellas linguas mães, ou dialectos de um edioma geral? Eis aqui questões, que para serem devidamente illucidadas seria necessario mais tempo, mais espaço e conhecimentos que pouca gente tem entre nós, aonde ninguem cura de investigações archeologicas e etymologicas, e que dariam muito que fazer a uma academia de allemães, que são os homens mais affeiçoados a este genero de estudo.

Seria em primeiro lugar necessario procurar os nomes mais antigos das nossas montanhas, rios, serras e povoações, a vêr em que lingua eram significativos, e assim conhecermos quem foram os primeiros homens que habitaram estes terrenos. Apanhado este fio, consultariamos os nomes mais antigos dos rios, montes, serras e lagos dos nossos vizinhos, e se fossem significativos na mesma lingua, poderiamos com certeza acreditar que a Hispanha primitiva fôra como diz a Escriptura *unius labii, et gentis*, e progredindo com este exame, achariamos na significação dos nomes a ordem das invazões, porque tem passado a peninsula, e os homens que a tem invadido.

O segundo passo que deveria dar-se nestas observações, seria ir desintranhar das trevas do esquecimento, e dos documentos obsoletos em que jazem sepultados, os nomes mais antigos dados entre nós aos membros do corpo humano, aos animaes, aos instrumentos de lavoura, ás armas, ao ceo, aos astros e ás estrellas, aos movimentos d'alma, e ver em que lingua eram significativos, e haver se nesse caso com muita madureza e sem preocupações. Dizer que *cabeça* se deriva de *caput*, é tão absurdo como dizer-se que *alfana* se deriva de *equus*, e *pote* de *amphora*, ou *gato* de *felix* e *capote* de *palio*.

Não é decerto comparando a lingua portuguesa no estado actual com a lingua grega e latina, e com as linguas modernas que poderemos achar a sua origem, e derivações; é necessario estudal-a no seu estado mais remoto, na sua rudeza primitiva, e comparal-a

então com as linguas que nesse tempo se fallavam no mundo; mas não é assim que procedem os etymologistas superficiaes: veem muitas palavras latinas, ou alatinadas, e decidem de prompto que a lingua portugueza se deriva do latim. Duarte Nunes de Leão, faz um catalogo de palavras que lhe parecem hebraicas, e quasi se persuade de que a nossa lingua e filha da hebrea; mas os hebreus nunca foram uma nação navegadora, e crer nas suas viagens a Ophir, ou por esta palavra se intenda *Sofala*, como muitos querem, e com especialidade Mr. Puschet, que até lhes traçou o roteiro na sua *Geographia commerciante*, ou *Cadix* como querem outros, é sonhar com os olhos abertos, quando a razão e Volney, nos mostram *Ophir* em um porto do estreito de Suez, que com pouca corrupção se chama *Ophor*, e que foi um dos mais riccos emporios do ouro e das mercadorias da India.

As palavras hebraicas, que traz Duarte Nunes, e outras que poderão encontrar-se na lingua portugueza, não as havemos nós, segundo cremos, da primeira mãe; mas sim dos phenicios e carthaginezes, que fallavam a mesma lingua, pois que a segunda destas nações era colonia da primeira, e os tyrios se não fallavam o mesmo edioma que os hebreus, fallavam de certo um muito aproximado, e ambos dialectos do arabe. E esta opinião ganha nova verosimilhança considerando nós que os phenicios e carthaginezes occuparam longo tempo a peninsula, onde fundaram cidades, e viveram quasi sempre em boa paz e amizade com os lusitanos, e com as mais nações da peninsula Iberica.

A similhança das vozes nem sempre prova o parentesco das linguas, ella muitas vezes se depara em ediomas que não tem affinidade alguma, e falladas por nações que não existem no mesmo continente, e que não tiveram noticia umas das outras, senão muitos seculos depois da sua reciproca fundação. Na lingua de Congo o ladrão chama-se *capiango*. E apesar da similhança dos sons, dirá alguem que aquella palavra se deriva do verbo latino *capio?* a borbuleta chama-se *luçála*; deriva-se acaso ésta voz do substantivo latino *lux?* não por certo, mas sendo limitados os nossos meios de articulação, é fôrça que tambem sejam limitados os sons que ella produz, e que se reproduzam muitas vezes nas fallas dos homens.

O muito douto desembargador Antonio Ribeiro dos Santos, em uma de suas epistolas, chama aos celtas, *antigos paes da lingua lusitana*. Eis aqui este nosso grave philologo, que não admitte que o portuguez se derive do latim; e se por ventura tivesse sahido á luz a sua obra —*Investigações sobre os Celtas*— poderiamos avaliar até que ponto era plausivel ésta opinião, e em que bases assentava, e examinar a fôrça dos argumentos com que combatia a opinião contraria. Grande perda é que ésta obra, de que podiamos tirar tantas luzes, ficasse sepultada na salla dos manuscriptos da Real Bibliotheca Pública de Lisboa, onde poucos irão examinal-a, e terão a commodidade sufficiente para medital-a.

É comtudo fóra de dúvida, que os celtas invadiram a peninsula, que se estabeleceram nella ao longo da beiramar até Lisboa; que em portuguez se encontram muitas palavras todas celticas, outras evidentemente derivadas, ou barbarisadas do celta, e que a investigação dellas se torna muito necessaria, não so para o conhecimento da origem da lingua portugueza, mas dos elementos que a compoem.

Cumpre igualmente ter em vista, que a Lusitania foi invadida e colonisada pelas nações septentrionaes, solingos, vandalos, godos, com especialidade por alanos, e suevos, que nella edificaram muitas povoações, que seus nomes dão a conhecer, como succede com Alemquer, cujo nome primitivo é *Alan-kerk*, que quer dizer *templo dos alanos*, e Coimbra, cujo nome original é *Kuning-brig* * que quer dizer *cidade do rei*, ou *cidade real*, porque fôra edificada por Ataces rei dos alanos. É portanto indispensavel liquidar o que devemos ás linguas destas nações, e a qual dellas se deve mais.

É sem duvida destes povos que vieram ao nosso edioma muitas palavras, que hoje se deparam na lingua alleman, que é mais provavel que nós recebessemos por aquelle canal, do que terem-na os allemães recebido de nós, com quem nunca tiveram tracto, nem relações íntimas, que é o modo porque as linguas se enriquecem, ou se corrompem, por meio de reciprocas mutuações.

A este respeito, tornamos a dizer, o que ja mais de uma vez dissemos a respeito de outros objectos similhantes, isto é, que apresentamos as nossas ideas sôbre taes materias; não como uma opinião demonstrada, mas como objecto de discussão para os curiosos, afim de que elles as examinem, as confirmem, ou refutem com os seus raciocinios, fazendo assim apparecer a verdade nestas materias abstractas, mas não inuteis para a instrucção e conhecimento perfeito da bella lingua que fallâmos.

C...

BIBLIOGRAPHIA-NACIONAL.

LOGARES SELECTOS DOS CLASSICOS PORTUGUEZES NOS PRINCIPAES GENEROS DE DISCURSO PROSAICO. Para uso das escholas. Por A. Cardoso Borges de Figueiredo - Cavalleiro da Conceição, membro do conselho superior de instrucção-publica, professor de oratoria, poetica, e litteratura-classica no lyceu de Coimbra etc. 1 —Coimbra, na imprensa da Universidade. 1845. — Vol. em 4.° de 278 paginas.

—

1008 É para nós inquestionavel, que o seculo passado foi, em Portugal, mais fertil em varões doutos e profundos nos varios ramos do saber, do que promette ser o actual. A demontração d'esta verdade achar-se-ha na analyse raciocinada das eruditissimas obras produzidas por nossos prélos n'essa famosa epocha, e das que proporcionalmente lhes correspondem publicadas em nossos dias. É certo que muitos e brilhantes astros que ainda hoje fulguram no puro ceu de nossa litteratura, pertencem todavia, pela mór parte, áquelle glorioso cyclo.

* Os romanos alteraram a palavra *Brig*, que quer dizer cidade, escrevendo *briga* segundo o genio da sua lingua; assim de *Kuning-brig* fizeram *Cuninbriga*; de *Lacobrig*, *Lacobriga;* de *Celobrig Celobriga;* de *Merobrig Merobriga*, e assim de outras muitas.

1 E' tambem o A. do *Bosquejo historico de litteratura classica, grega, latina e portugueza*, de que ja ha duas edições, sôbre as quaes exposemos o nosso juizo n'este Jornal, e de *Elementarie Rhetoricae Institutiones*, compendio approvado para uso das escholas, de que em outro artigo fallaremos.

Acaso parecerão ao vulgo dos leitores paradoxas e temerarias taes assersões, porque as contrárias são as que por ahi se apregoam e inculcam; não nos embarga porém a justa veneração, que tributamos aos insignes characteres hodiernos, a solemne exposição d'este juizo consciencioso, que, sendo necessario, fundamentaremos.

Será pois mais tenue e succinto o inventario das riquezas intellectuaes, que nós havemos de legar á geração futura, do que o que recebemos já da passada. Com justiça nos acoimaram de servos ruins e perguiçosos, porque, possuindo mais talentos que os precedentes negociadores, nem por isso grangeámos maior cabedal em lettras do que elles grangearam.

É myster porém confessar, que se ao presente ha mais tibieza no estudo constante e reflectido, ou antes uma decidida aversão para o exame severo e continuado das mais importantes questões litterarias, sendo a superficielidade a characteristica da mór parte das obras que se escrevem; em troca possuimos melhores e mais valiosos subsidios, do que tiveram os AA. do seculo passado, para mais dignamente as escrever. Comparem-se os escriptos de hoje, sobre este respeito, com os da epocha a que nos referimos, e o resultado, na generalidade, ser-nos-ha de todo o ponto favoravel.

Em verdade, é muito para louvar e admirar os extraordinarios progressos, que n'estes últimos annos tem feito o estudo de nossa lingua; o modo facil, corrente, e puro quasi sempre, com que a mór parte dos homens de lettras escrevem esse pouco que por ahi apparece. É que soam de todos os angulos do reino clamorosos brados, recommendando este genero de conhecimentos, facilitando-o o preço vil, porque ja se obteem nossos bons classicos. Como que insensivelmente se vai insinuando o gôsto de ler estes formosos exemplares da castidade de elocução.

Tendencia tam nobre e proveitosa veio ainda fomentar o Sr. Cardoso com os seus *logares selectos*, livro precioso, desejado ha muito nas escholas portuguezas. Ás de instrucção primaria, ministra exercicios de leitura; ás de latinidade, oratoria, e litteratura classica, offerece materia para versões latinas, e exemplos para analyse e prática nos diversos generos de litteratura.

Dividiu o benemerito professor a sua obra em cinco secções, comprehendendo na *primeira o discurso familiar*, expresso em dialogos, exemplos, parabolas, e apophthegmas (*F. Rodrigues Lobo, Heitor Pinto, Amador Arraes, Fr. Luiz de Sousa, D. Francisco Manuel de Mello, Francisco Soares Toscano, J. Freire de Andrade*); na *segunda* o *Epistolar*, offerecendo modelos de cartas mandadeiras sôbre varios assumptos (*A. Vieira, Jeronymo Osorio, J. Freire de Andrade*); na *terceira* o *Descriptivo*, apresentando pinturas de characteres, descripções de logares, e de outros objectos (*Fr. Luiz de Sousa, Fernão Mendes, Padre João de Lucena* * *Vieira*); na *quarta* o *Historico*, com narrações de feitos memoraveis (*João de Barros, Fr. Luiz de Sousa, Fernão Mendes*); na *quinta* finalmente o *Oratorio*, trazendo discursos inteiros na eloquencia profana, e partes d'outros na sagrada (*J. Freire de Andrade, Fr. Luiz de Sousa, Padre João de Lucena, Commentarios de Affonso de Albuquerque, Fr. Manuel dos Sanctos Vieira.*)

Foi singular o tino do Sr. Cardoso na escolha dos logares illustradores d'estes cinco principaes generos de discurso prosaico; magoa-nos porém, que se esquecesse do mavioso Oratoriano, padre *Manuel Bernardes*, tam fecundo em dittos agudos e espirituosos (mormente nas *Florestas*), tam primoroso em narrações, e em tudo perfeito modêlo de linguagem. O bispo de Miranda, e de Leiria, *D. Antonio Pinheiro*, de tam larga nomeada na oratoria, tambem podia ministrar alguns trechos de seus excellentes discursos.

Entretanto de maravilha se achará livro tam prestadio sob todos os respeitos. Conhecemos optimos escriptores por sua linguagem, mas que repellem os leitores pela diffusão do estylo, e esterilidade da materia; o Sr. Cardoso soube precatar este inconveniente; observou o preceito Horaciano: *Omne tulit punctum qui miscuit utile dulci.* Qual abelha sollícita e providente fabricou este favo dulcissimo, libando escolhidas flores, mas aproveitando sómente o mais fino e puro licor de seus nectarios.

Alpedrinha 10 de agosto de 1847.

R. de Gusmão.

* *Frei* João *de* Lucena lhe chama o A. dos *Logares Selectos*, titulo impertinente, que nunca tiveram os padres da Companhia de Jesus, a cuja congregação pertenceu o eximio biographo do apostolo da India, San'Francisco Xavier.

BIBLIOGRAPHIA-EXTRANGEIRA.

1009 Histoire-Universelle par *Cesar Cantu*, soigneusemente remaniée par l'auteur et traduite sous ses yeux, sur la cinquième édition italienne, par *Eugene Aroux* et *Piersilvestro Leopardi*. 2.ème edition française, acompagnée de cent belles gravures — 1845.

A *Storia-universale* de Cantu obteve na Italia, logo ao seu apparecimento, uma voga e uma reputação extraordinarias. Quatro edições, tres de luxo e uma popular, foram inteiramente esgotadas em menos de cinco annos. A França que conta muitas obras preciosas da mesma natureza, no seu idioma, quiz não obstante possuir ésta tambem do joven sabio italiano, e da sua quinta edição foi feita uma excellente traducção, cuidadosamente examinada pelo auctor, como elle mesmo o declara no *aviso* que antecede o 1.° volume d'esta traducção.

A universalidade da lingua franceza, tem contribuido ainda muito mais para a reputação da obra, e a Historia-Universal de Cantu, é hoje lida e estimada em toda a parte. E merece sel-o. O plano d'esta obra é inteiramente novo. Não é uma simples e arida resenha de factos, é a historia da humanidade no grande complexo das suas vicissitudes e progressos. Não é a succinta exposição de guerras e revoluções, é a historia da vida interior das nações, seus costumes, legislação, litteratura, crenças e opiniões; e atraz dos reis e dos heroes nos mostra os povos trabalhando sem serem sentidos, soffrendo e esperando. E tudo escripto com um espirito de unidade humanitaria e religioso, com um movimento e vida de ideas, tam distinctos como apreciaveis, entre todos os historiadores do mesmo genero até agora.

É escusado repetir aqui o que o eloquente historiador diz dos differentes systemas com que tem sido escripta a historia-universal; deve-se-lhe todo o louvor

pela maneira breve e energica com que soube resumir immensos materiaes em tam pequeno espaço. No seu primeiro volume tracta o illustre historiador differentes questões preliminares indispensaveis para a historia do mundo, e que devem aqui ser mencionadas. Qual é a antiguidade do universo? Que revoluções tem n'elle havido? São os homens oriundos de um casal unico, ou teem as diversidades das suas raças origem distincta e separada? Esta última questão tam completamente tractada pelo sabio Humboldt, ja tive o gôsto de a fazer conhecida dos leitores da Revista. A éstas questões philosophicas, estão ainda junctas outras, sôbre a origem das sociedades e das linguas, os costumes primitivos etc.

É, realmente feliz a idea de resolver similhantes questões fundamentaes antes de entrar na historia propriamente ditta. O leitor fica conhecendo o terreno que tem a trilhar, e sufficientemente illustrado para bem intender os factos e a marcha do homem n'este mundo.

Felizmente a Historia-Universal de Cesar Cantu vai sendo conhecida em Portugal. O Sr. Silva (Livraria franceza na Praça de D. Pedro, n.º 82) tem vendido e continúa a vender, exemplares d'esta bella obra, á proporção que os volumes de que ella consta se vão publicando em Bruxellas.

POESIA.

ARDINIA.

ROMANCE HISTORICO. *

VI.

1010 «Moiro gentil, que procuras
« No asylo d'um christão?
« — Bom padre, venho pedir-te
« O baptismo, a salvação.

Taes palavras se trocaram
Não mui longe de Lamego
Alta noite, quando em tudo
Reinava brando socego.

Era Ardinia quem falláva,
Ella que fôra sosinha
Aos pés do velho Gelasio,
Monge da serra visinha.

«Bom padre, abre-me os braços,
« Ardinia sou, moira não;
« Pais e crença, paço, escravas,
« Deixo tudo por Thedão.

D. Gelasio extasiado
Taes palavras mal ouviu
Ás plantas da Maura virgem
Prostrado quasi caíu.

«Ardinia! chorando exclama,
« Bom aviso o ceu te deu,
« Sê christã, que dentro em pouco
« D. Thedão ha-de ser teu.

VII.

Um só dia apoz que a virgem
Do christão fôra á morada
Pelas mãos do santo monge
Era Ardinia baptisada.

D. Gelasio com promessas
Lhe redobra a confiança,
Um a um contando os dias
A triste vive d'esp'rança.

Ja mandara ao cavalleiro
Lettras suas o ermitão;
Mas, coitada! inda não volve
Das guerras o capitão.

Entretanto o pai da Moira
Debalde a filha procura
Descobril-a, inda que fôra
Lá no inferno, irado jura.

Palacios, honras, thesoiros
Promette a quem lh'a trouxer,
Mil penas, tormentos, mortes
Commina a quem lh'a esconder.

Mas em vão iras vomita,
A filha procura em vão,
Embalde a pede á cidade,
Pede-a embalde á solidão.

VIII.

«Como serena e formosa
« A lua nos ceus vagueia,
« Os astros como se miram
« No puro azul desta veia!
« Mas, ai triste! que m'importa
« Se ledo o mundo se arreia?

«Se á brisa conto os suspiros,
« Se as estrellas conto ao ceu,
« Erro a conta, ou se a alcanço
« Logo a memoria a perdeu;
« Coração e pensamento,
« D. Thedão, é tudo teu!

«Mas porque inda não volveste,
« Estremado capitão?
« A Moira ja te não lembra?
« Não tens d'ella compaixão?
« Ai, Moira, Moira, que disse?
« Outrora o fui, hoje não!

* Continuado de pag. 396.

Era Ardinia quem chorosa
Cantando carpia assim
Assentada em verde tronco
D'ermo, silvestre jardim,
Dedilhando as aureas cordas
De uma lira de marfim.

Meiga pomba, mal sabias
Que estava perto o açor!
Mal sabias, lindo cisne
De tanta graça e alvor,
Que era o canto derradeiro
Aquelle canto de dôr!

E mal que o canto acabara
Olhando a virgem p'ra o ceu
Viu que a lua s'escondia
Em negro, funereo veu:
O ar toldou-se, e bem perto
Ave agoireira gemeu.

Negro vulto que a escutara
Em quanto Ardinia cantou,
Como sinistro phantasma
Ante a princeza assomou:
« — D. Thedão — » Ardinia brada;
« — Filha ingrata! — » elle bradou.

Tres vezes então nas trevas
Fulgura agudo punhal;
Por entre roucos gemidos
Um nome se ouve a final;
De manhan mais um cadaver
Engole a tumba fatal.

Por traição, ou por acaso
A filha emfim descubrira
O Moiro cego que em sangue
Ceva a raiva, apaga a íra;
Thedão foi o nome extremo
Que entre gemidos se ouvira.

IX.

Breve chega ao cavalleiro
A nova do caso atroz;
Vingança jura por Christo,
Vingança eterna, feroz.

E desd'então á memoria
De seu triste, unico amor,
Centos e centos de Moiros
Immolava o lidador.

Era o archanjo da morte,
Raio de Deus justiceiro,
Entre as hostes sarracenas
D. *Thedão*, o espadeiro.

Mas em breve á linda Moira
O christão se reuniu;
Passando um rio a cavallo
Na torrente se sumiu.

Orgulhoso dessa glória
O rio que o affogou
O nome do cavalleiro
Largos annos conservou.

Settembro 22, 1842.

A. Lima.

Por omissão se deixou de publicar o nome do Sr. *Francisco Maria Bordallo*, no fim do último capitulo das VIAGENS DE DOIS ANNOS, que se lê no antecedente n.° da REVISTA.

VARIEDADES.

ARTES E SCIENCIAS NA CHINA.

1011 De documentos ja publicados, e de outros faceis de produzir (diz um jornal francez) resulta o seguinte: 2.700 annos antes de Jesu-Christo ja os chinezes sabiam crear os bichos-da-seda; 1,000 annos antes tambem, tinham inventado a bussola para as viagens de terra e mar; 406 annos antes, ainda, o papel e a tincta-d'escrever; um seculo antes, emfim, a polvora. Entre 581 e 593 da era christan, fizeram os characteres typographicos de madeira, e depois de pedra em 904; e finalmente em typos moveis de 1041 a 1049; no oitavo seculo ja fabricavam porcelana; no seculo doze conheciam os poços de verruma; o modo de illuminar e aquecer com gaz inflammavel, tirado das intranhas da terra e conduzido a grandes distancias; as pontes suspensas em bambus ou cadeas de ferro; as bombas d'incendios e as cartas de jogar; no seculo quatorze ja usavam de papel-moeda.

Em medicina, sabem curar muitas molestias por meios empiricos, que nós ca na Europa reputâmos incuraveis. com certos medicamentos sabem tranformar o liquido que dá cor a todo o systema pilloso, e sabem tambem dar ao cabello loiro ou ruivo uma côr preta que nunca mais perdem até á velhice.

Em economia rural e agricula, obteem por meio dos estrumes e das irrigações, e com uma multidão de methodos que lhes são peculiares, resultados constantes e certos, que, excepto os casos de innundações ou de flagellos meteorologicos, lhes dão alimento para 366 milhões d'almas.

Em horticultura, sabem mudar a cor das flores ainda na terra, e apressar a florização e fructificação das arvores.

O que elles porém não foram capazes de saber, é resistir á politica ingleza...

CORREIO-EXTRANGEIRO.

1012 No número das manifestações que tem tido logar a favor do Papa a seguinte é a mais curiosa: os judeus dos differentes Estados estão agora assignando um agradecimento ao Sancto-Padre sôbre a sua benevolencia para com os israelitas que residem em Roma. Os judeus na Italia habitam em bairros especiaes chamados '*ghetos*'; o papa atropellando um prejuiso de seculos fez o que nenhum principe da Italia se tinha atrevido ainda a fazer, auctorisou os judeus a residir onde bem lhes parecesse, e prohibiu certas medidas de policia que lhes eram vexatorias.

Uma joven franceza, em Paris, sendo accometida de dor de dentes foi a casa de um dentista para que lhes extrahisse um. O dentista propoz-lhe chumbal o, e para a poupar á dor quiz etherizal-a. Não se sabe bem o que se passou, mas o caso é que depois de chegar a casa, desvanecidos totalmente os effeitos do ether, a joven franceza queixou-se amargamente do seu operador. O delegado tomou conta da querella corroborada pelo depoimento de um medico...

CORREIO-NACIONAL.

1013 *Sr. Redactor.* — N'uma folha ingleza, vinda pelo ultimo paquete, vejo o que segue, e como ainda não vi notado tal acontecimento tomo a liberdade de lh'o remetter para o publicar na Revista.

A. V. Rodrigues.

ERUPÇÃO VOLCANICA.

'Uma violenta erupção do volcão da ilha do Fogo, Cabo-Verde, teve logar no dia 9 d'abril ultimo. Perto das 7 horas da tarde, uma bulha subterranea se ouviu, a qual foi repetida d'ahi a 20 minutos e outra vez repetida uma hora mais tarde. Na ultima occasião as bocas do volcão se abriram, um fumo grosso sahiu por ellas, e cobriu o horisonte; pedras enormes e chuveiros de cinzas foram mandados ao ar, e depois a ardente lava correu das sette bocas do volcão na direcção do convento do SS. Sacramento, chegando por fim ao mar, levando quatro horas a atravessar uma distancia de tres milhas. A lava continuou a correr por algum tempo e augmentava rapidamente cada momento. O terreno atravessado pela lava está completamente arrazado. Animaes, vinhas, casas e habitações teem sido arrebatadas. Os pobres colonos, não teem salvado nada, e estão em um estado da mais medonha miseria. A unica perda de vida humana foi a de uma criança de seis annos, a qual foi surprehendida pela ardente lava e morreu antes de que fosse soccorrido, e quatro pessoas soffreram algum tanto. A erupção não era esperada por modo algum, pois as boccas do volcão se tinham conservado fechadas por cincoenta annos, e não tinham nem ao menos deitado fumo.'

No dia 13 entrou o vapor Madrid, paquete do Norte, com folhas de Londres até 6 e de Paris até 3. — Os fundos portuguezes ficaram na praça de Londres a 30¼. Trouxe 89 passageiros, e partiu no mesmo dia para o Sul com 37 passageiros.

Parece que o Sr. Damazio (do Porto) fizera uma importante descoberta industrial — o modo de fazer maleavel o ferro fundido. O Sr. Damazio mandou a Lisboa requerer privilegio exclusivo desta sua descoberta.

No dia 22 entrou de Southampton o vapor inglez *Jupiter*, paquete do Norte, com 5 dias e 77 passageiros. Sahiu no dia 23 para o Sul com 45 passageiros.

As noticias de Londres chegam a 16 e as de Paris a 15. Os fundos portuguezes na Bolsa de Londres ficavam a 27¼. Tinha contribuido muito para ésta grande baixa, a providencia tomada pelo Banco d'Inglaterra de levantar o preço dos descontos.

Publicou-se o n.º 9 do Oculo *jornal critico e de costumes.* Este jornal é ornado de gravuras e enigmas pittorescos, nitidamente impresso. Vende-se nas lojas do costume; preço 30 réis.

No domingo 22, em beneficio do Sr. Epiphanio, deu-se no Theatro de D. Maria II um drama originado Sr. Francisco Maria Bordallo, intitulado *Rei o impostor?* O assumpto é a conhecida tradição de certo homem que em Veneza se figurou ser el rei D. Sebastião. É provavel que a Revista se occupe mais d'espaço d'este objecto.

Ha tempos ja, que se introduzem nas principaes ruas de Lisboa os tubos de ferro para a illuminação a gaz da cidade. Parece que a *baixa* deverá ser assim illuminada em abril de 1848.

Na cidade do Porto, a ser verdade o que se diz, vai estabelecer-se uma companhia para a illuminação a gaz d'aquella cidade.

O frontão do tympano do Theatro de D. Maria II acaba da ser ornado com um alto-relevo representando Apollo e as musas, com um pequeno Genio. Alguem tem feito reparo em se compor de so sette musas ésta comitiva d'Apollo: faltam com effeito Melpomene e Thalia, que devem ser collocadas em estatua nos angulos superiores, ao lado da estatua de Gil-Vicente.

As *Illustrações* ingleza e franceza teem trazido muitas vistas de Portugal e diversos retrattos. N'uma das inglezas chegadas n'este último paquete, incontra se a vista do Terreiro-do-Paço tirada de bordo da nau *Canopus*, então fundeada defronte.

Parece que está estabelecida na rua do Ferregial debaixo, uma especie de academia ou Conservatorio de musica, cujo professor é o Sr. Pinto, onde os curiosos instrumentistas se exercitam principalmente no modo de bem tocar em orchestra. A ser isto assim, é uma util instituição; porque um grande defeito das nossas orchestras é a falta de complexo e unidade exactissima.